

ENTRE A FRANÇA E O BRASIL, RELAÇÃO E
VIOLÊNCIA NA POESIA E NA TRADUÇÃO**BETWEEN FRANCE AND BRAZIL, RELATION AND
VIOLENCE IN POETRY AND TRANSLATION*Marcelo Jacques de Moraes 

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo

Diante da perspectiva sempre crescente, em nosso mundo entrecortado por fronteiras, de encontros e choques entre os corpos e as línguas que multiplicam e embaralham em toda parte seus rastros e resíduos, como constituir lugares comuns de vida e de pensamento que extrapolem o enquadramento de um território ou de uma língua como espaços cercados, como espaços de clausura, lugares de vida e de pensamento que se ponham, assim, como limiares de passagem ou de partilha, mais ou menos precários, por vezes violentos, mas onde, ainda que provisoriamente, “nós”, pronome pessoal, e “nós”, substantivo comum, possam se enodar, se desnodar, se reenodar? Como, em suma, constituir espaços de relação? Para discutir como essas questões se desenvolvem em minhas pesquisas entre a poesia e a tradução, entre a França e o Brasil, começarei com uma breve apresentação da relação entre poesia e língua materna do ponto de vista do poeta francês contemporâneo Christian Prigent; posteriormente, destacarei alguns aspectos das reflexões teóricas de Édouard Glissant, Jean-Christophe Bailly e Marielle Macé, pontuando-as com a leitura de alguns poemas de escritores brasileiros contemporâneos. Concluirei com um pequeno exemplo de tradução de poesia, reunindo os poetas Augusto dos Anjos e Christian Prigent.

Palavras-chave: relação; poesia contemporânea; tradução.

* Esse artigo resulta da reunião e reescrita dos trabalhos “Relação e violência, na poesia e na tradução” e “*Relation, nostration, considération: du partage des lieux communs de vie et de pensée*” apresentados respectivamente no Colóquio Internacional “Literatura e Relação”, organizado por Ana Kiffer e Alexandre Montauray e realizado na PUC-Rio em setembro de 2023, e no Colóquio “*Littérature et nouvelles relations. Peut-on parler d’une dimension relationnelle de la littérature contemporaine?*”, organizado por Tiphaine Samoyault, Ana Kiffer, Alexandre Gefen e Dominique Viart e realizado na École de Hautes Études en Sciences Sociales de Paris em janeiro de 2024.

Abstract

Faced with the ever-increasing perspective, in our world dotted with borders, of encounters and clashes between bodies and languages which multiply and blur their traces and residues almost everywhere, how can we constitute common places of life and thought which go beyond the framing of a territory or a language as closed spaces, as spaces of confinement, common places of life and thought which, therefore, arise rather as thresholds of passage, or of sharing, more or less precarious, sometimes violent, but where, even temporarily, “we” and “knots” can be tied, untied, re-knotted? How, in short, can we constitute spaces of relationship? To discuss how these questions arise in my research between poetry and translation, between France and Brazil, I will begin with a brief presentation of the relationship between poetry and the mother tongue from the point of view of the French poet contemporary Christian Prigent; subsequently, I will highlight some aspects of the theoretical reflections of Édouard Glissant, Jean-Christophe Bailly and Marielle Macé, linking them with the reading of some poems by contemporary Brazilian writers. I will conclude with a small example of poetry translation, bringing together the poets Augusto dos Anjos and Christian Prigent.

Keywords: relation; contemporary poetry; translation.

Résumé

Devant la perspective toujours croissante, dans notre monde parsemé de frontières, des rencontres et des chocs entre les corps et les langues qui multiplient et brouillent un peu partout leurs traces et leurs résidus, comment constituer des lieux communs de vie et de pensée qui dépassent l’encadrement d’un territoire ou d’une langue comme des espaces clos, comme des espaces d’enfermement, des lieux communs de vie et de pensée qui se posent donc plutôt comme des seuils de passage, ou de partage, plus ou moins précaires, parfois violents, mais où, même provisoirement, des « nous » et « des nœuds » puissent se nouer, se dénouer, se renouer ? Comment, en somme, constituer des espaces de relation ? Pour discuter de la façon dont ces questions se posent dans mes recherches entre la poésie et la traduction, entre la France et le Brésil, je vais commencer par une brève présentation des rapports entre la poésie et la langue maternelle du point de vue du poète français contemporain Christian Prigent ; par la suite, je mettrai en relief quelques aspects des réflexions théoriques d’Édouard Glissant, de Jean-Christophe Bailly et de Marielle Macé, en les ponctuant avec la lecture de quelques poèmes d’écrivains brésiliens contemporains. Je conclurai par un petit exemple de traduction de poésie réunissant les poètes Augusto dos Anjos et le Christian Prigent.

Mots-clé: relation; poésie contemporaine; traduction.

Minhas pesquisas em torno da poesia – e em particular em torno da poesia francesa – vêm girando há muito tempo, para ser sucinto, em torno da irredutível tensão entre a experiência da língua e a maneira mais ou menos violenta como ela, a língua, interroga a experiência do presente. É nesse âmbito que, tentando pôr à prova a noção de “comunidade poética” – inspirado pela poética do comum ou do “como-um” [*comme-un*], sugerida pelo poeta

e filósofo Michel Deguy (1993, p. 10), mas também, bem entendido, pela noção teórica de “comunidade” –, venho confrontando escritores diversos, visando a examinar seus modos também diversos de dar forma e voz às questões de nosso tempo, para que possamos compartilhá-las e discuti-las justamente como nossas.

Paralelamente, venho também, por força de meu próprio trabalho como professor e pesquisador de literatura francesa no Brasil, operando de maneira mais ou menos sistemática com as teorias e práticas da tradução literária. Porém, mais do que a relação cotidiana com a tradução a que obriga meu trabalho entre línguas, é seu papel cada vez mais inevitável em toda espécie de laço comunitário – e na violência que tal laço engendra – que tem me levado a me interrogar sobre o sentido político da experiência da tradução – intra ou extralinguística – e do modo como a poesia a coloca (ou nos obriga a colocá-la) em perspectiva.

É, portanto, entre a experiência da língua e de sua violência, na poesia e na tradução, e em suas possibilidades de pensar a vida em comum, a proximidade e a violência de que não se escapa na vida em comum, na vida em relação, que venho trabalhando nos últimos anos. Explico-me um pouco mais: interessam-me certas obras que se erigem – e evoco uma vez mais Deguy, num contexto em que discute as relações entre criação poética e tradução –

[...] contra a suficiência, a embriaguez autárquica, a incestuosa ferocidade do vernacular, ou o privilégio, que jamais pode ser abolido, do materno, com seu humor inalterável de indiferença, ou de desprezo, quando não de pureza ou de purificação, de integridade e de legítima defesa. (Deguy, 1999, p. 90).

Contra, portanto, todo sentido de sacralização da língua – ou de *uma* língua – vivida como materna, encerrada em si mesma, em sua “clausura vernacular”, como diz ainda o escritor.

Ora, em um mundo cada vez mais entremeado de “*translation zones*”, para usar a expressão da crítica e teórica estadunidense Emily Apter (2006), cada vez mais entremeado de povos e línguas, de grupos humanos e idioletos em contato e em conflito, e onde brota e se petrifica em toda parte o que Freud chamou de “narcisismo das pequenas diferenças”,¹ parece-me que essa língua que resiste à clausura de que fala Deguy nos leva a uma das questões poéticas e políticas maiores de nosso tempo, que não deixa de ter relação com a problemática da partilha do mundo, no duplo sentido da palavra “partilha”, que remete de modo indecível ao que une e ao que separa aqueles que o

¹ Freud propõe a expressão em “O tabu da virgindade” (1918), a partir da reflexão sobre a diferença sexual, e retoma-a mais tarde, sobretudo em seus textos sobre a cultura – particularmente em “O mal-estar na cultura” (1930) e “Moisés e o monoteísmo” (1939) – para refletir sobre a (in)tolerância do homem em relação ao semelhante.

habitam e disputam-lhe o(s) sentido(s) – como faz a própria tradução com as línguas, a um só tempo aproximando-as e criando entre elas um abismo.

Pois não se toma a palavra, não se traduz nem mesmo, no limite, se escreve a não ser sempre já enredado na experiência de *um* mundo de algum modo figurável, de um mundo *como-um*, *como* se ele fosse ou pudesse se tornar *um*, separável, identificável, como se ele fosse ou pudesse se tornar *comum* por meio dessa própria tradução, por meio dessa própria escrita; e que, reconhecendo-se, assim, em sua *comunidade*, a partir dessa translação – ou *translation* – em uma língua, se tomaria à parte, ao mesmo tempo que se tornaria capaz, ao menos em potência, de se endereçar a outros mundos e, portanto, de se partilhar.

Para discutir sobre o modo como tais questões se colocam em minhas pesquisas entre a poesia e a tradução, entre a França e o Brasil, vou começar por uma breve apresentação das relações entre a poesia e a língua materna do ponto de vista do poeta francês contemporâneo Christian Prigent. Em seguida, destacarei alguns aspectos das reflexões teóricas de Édouard Glissant, Jean-Christophe Bailly e Marielle Macé, pontuando-as com a leitura de alguns poemas de escritores brasileiros contemporâneos. Concluirei com uma pequena questão de tradução, reunindo um poeta brasileiro e um poeta francês.

*

Foi especialmente por sua maneira de responder de algum modo ao desafio de pôr em língua a dificuldade de continuar a pensar a poesia – e o mundo – da perspectiva de uma *comunidade* reunida em torno de uma língua mais ou menos reconhecida como “natural” ou “nacional” que trabalhei durante alguns anos com a obra de Christian Prigent.² Sobretudo num país como a França, onde a poesia está associada a um “patrimônio cultural” (Benjamin, 2012, p. 12-13) que se tornou particularmente emblemático da identidade francesa: a própria língua francesa, língua na qual se terá forjado e ilustrado essa poesia dita francesa, língua que essa poesia ajudou a transformar, justamente, em “patrimônio”, a partir de um longo processo de estetização e identificação que culminou no culto de seu próprio gênio, o gênio da língua francesa, associado não apenas à literatura mas à própria nação francesa de uma maneira geral – e à sua tão historicamente autoproclamada “civilização”.

A língua de Prigent expõe e *traduz*, à sua maneira própria, o impasse que a assombra e que a constitui, experimentando e dando a experimentar – no sentido ativo e passivo do verbo – a historicidade sempre radical da língua materna que se oculta sob seus extratos comunicativos e, mais do que isso, a potência – ou impotência – que essa “língua cheia de línguas” (Cixous,

² Aqui evoco algumas das ideias que brotam de um ensaio mais longo sobre a obra de Prigent feito para a coleção Ciranda da Poesia, da Eduerj (Moraes, 2015).

2000, p. 10) que ela é, como são todas as línguas, tem de exceder e, de certo modo, minar, esvaziar suas próprias realizações reconhecíveis.

E é por essa via, parece-me, que tal língua pode fazer aparecer, para além do “dato figurativo de época”, sua alteridade latente, ainda não “manifesta”, sua “alteridade não explicável” (Prigent, 2011), como diz o poeta, referindo-se às línguas em que escreve no interior do francês, num ensaio que ele intitula, não por acaso, *La cuisine du macaroni*. É nesse investimento permanente contra sua língua materna – contra ela, mas com ela, forçando seus “limiares” internos e externos – que Prigent dispõe a sua poesia para o nosso tempo, ecoando de certa maneira a pergunta com a qual Jean-Luc Nancy terminava ironicamente seu pequeno livro de 2010 sobre o problema da identidade na França contemporânea: “A França – quem, muito francamente?” (Nancy, 2010, p. 70)

Em sua obra, para ficar nessa referência que me parece ter algo de emblemático, e de que darei um rápido exemplo no final, em tradução, Prigent faz do trabalho de manipulação, desfiguração e refiguração da língua uma arma de resistência cotidiana à significativa parte de “não-vida da vida” (Prigent, 1989, quarta capa) veiculada por uma língua submissa à sua identificação com sua “alta” tradição, e que serve sobretudo à transmissão – à conservação – dos “patrimônios culturais” hegemônicos e dominantes (Benjamin, 2012, p. 13), em sua talvez já alquebrada, mas ainda renitente altivez.

*

Foi a partir desse contexto de trabalho que retornei a Édouard Glissant e ao pensamento da “identidade relação”, assim como à “poética do diverso” que lhe é subjacente, proposta pelo escritor antilhano em oposição ao que chamou de “identidade raiz única” (Glissant, 1996, p. 24). É no âmbito dos encontros e embates crescentes entre corpos e línguas que dispersam e embaralham por toda parte seus rastros e resíduos, no âmbito da “errância violenta do poema” (Glissant, 1996, p. 71) – um dos efeitos desse estado do mundo transformado num sistema errático e imprevisível definido por ele como “caos-mundo” (Glissant, 1996, p. 81-107) –, que ele reivindica acima de tudo o que chama de “o direito de cada um à opacidade”. Em suas palavras: “Não necessito mais compreender o outro, ou seja, reduzi-lo ao modelo de minha própria transparência, para viver com esse outro ou construir com ele” (Glissant, 1996, p. 71-72).

Como responder, a partir dessa convivência mais ou menos forçada entre “culturas compósitas que tendem a se tornar atávicas” e “culturas atávicas que começam a crioular-se” (Glissant, 1996, p. 22), ao desafio de

construir novos “lugares comuns” de encontros de vidas e de pensamentos,³ lugares que extrapolem o enquadramento de um território ou de uma língua como espaços cercados, como espaços de clausura? E como reconhecer, nessas zonas que se põem frequentemente como provisórias, espaços de “dimensão relacional”⁴ dotados de uma vitalidade que lhes seja própria, limiares de e rumo à alteridade, por assim dizer, sem ignorar, bem entendido, sua violência manifesta ou latente? É na complexidade desse contexto de relações – como sua *tradução*, por assim dizer – que proponho expor, ao longo deste ensaio, algumas experiências da poesia contemporânea brasileira.

Para dar um primeiro exemplo, evocarei um poema curto do poeta negro mineiro Ricardo Aleixo, no qual ele encena justamente o encontro entre o pensamento, a escrita e a vida no que chama de “encruzilhada”. Trata-se de “Diário da encruza”, poema do livro de mesmo nome:

Eu penso negro, torto,
esquerdo. Escrevo
do mesmo jeito, e é
assim, também, que vivo.
Na encruzilhada. No meio
do redemunho. Negro.
Torto. Esquerdo. Vivo. (Aleixo, 2022, p. 10).

Como se sabe, a palavra “encruza”, redução neológica de “encruzilhada”, refere-se, no imaginário das religiões afrobrasileiras, ao local das oferendas rituais a Exu, ou mesmo à residência dessa complexa divindade que encarna as funções de guardião do corpo, da linguagem e de todo tipo de truques e artimanhas que permitem àquele que nela se encontra e a ela se vota abrir caminhos “no meio do redemunho” da vida e das forças negativas que a assaltam, errar por ali e, sobretudo, fazer face, desde esse lugar e ao longo desses caminhos, a essas forças e a todos os tipos de relações que elas lhe impõem.

É interessante notar que os adjetivos “negro”, “torto” e “esquerdo”, que funcionam inicialmente como advérbios, reificando o “eu” em sua capacidade de pensar, escrever e viver, e assinalando ao mesmo tempo a percepção de sua própria condição diante da hostilidade fundamental da sociedade onde ele subsiste em relação ao que identifica como sua cultura de origem, são tomados no final do poema como substantivos, aos quais se acrescenta, encerrando

³ Eis como Glissant define “lugar comum”: “os lugares comuns não são ideias preconcebidas, mas sim, literalmente, lugares onde um pensamento do mundo encontra um pensamento do mundo” (Glissant, 1996, p. 33).

⁴ Para evocar o título do Colóquio “*Littérature et nouvelles relations. Peut-on parler d’une dimension relationnelle de la littérature contemporaine?*”, referido na nota *.

o último verso, a palavra “vivo”, não mais como primeira pessoa do verbo “viver”, como aparece pela primeira vez no quarto verso, mas agora também como substantivo. Como se esse “eu” pudesse então, através da própria prática da escrita – que toma emprestada, é fundamental sublinhar, dessa sociedade hostil –, afirmar-se (traduzir-se para si mesmo) como sujeito pleno de sua própria vida no seio dessa sociedade. Não vou mais longe, mas creio que se trata do que o poeta e ensaísta Edimilson de Almeida Pereira, também mineiro e negro como Aleixo, define como o “dilema” da “dupla consciência do afrodescendente” diante do “desafio de forjar a alquimia de uma linguagem que seja, ao mesmo tempo, familiar e estrangeira, afrodiaspórica e ocidental, mítica e histórica” (Pereira, 2022, p. 162). Uma questão permanente de relação, de errância e de translação – ou de tradução, no sentido amplo que aqui lhe queremos dar...

*

Outra perspectiva de pensamento, no contexto francês, para o horizonte errante e mesmo errático do poema na cena contemporânea, bem como para a “ampliação” [élargissement] desse horizonte me vem sendo dada por Jean-Christophe Bailly, escritor, poeta, dramaturgo e ensaísta que propõe pensar o mundo, “o que forma o mundo e o mantém”, a partir das “diferentes articulações desse laço obrigatório entre separação e relação” (Bailly, 2015a, p. 153). Laço que, na prática, faz comunidade ao se materializar na e pela palavra, no e pelo endereçamento da palavra que um “eu” destina a um “você”, a este outro que o escritor define como “a pessoa do limiar, aquela por meio da qual a alteridade imediatamente se configura” (Bailly, 2015a, p. 160) e que potencializa, assim, um “*nós*” numa “coreografia pronominal [que] se forma e se deforma sem fim” (Bailly, 2015a, p. 165).

São essas “efêmeras formações insulares”, como diz também Bailly (2015b, p. 172) – e aqui não estamos distantes do “pensamento arquipelágico” proposto por Glissant (1996, p. 43) por oposição ao “pensamento continental”⁵ –, que propiciam a experiência do “*nós*” que Bailly (2015b, p. 172) define como uma “nostração” [*nostration*]. Não sem sublinhar que, a despeito de toda precisão contextual, cotidiana, que permitiria enquadrar essa experiência, há sempre uma “indeterminação” que “acompanha e segue o *nós* como sua sombra” e que leva “a que nenhuma comunidade permaneça estável sob seu nome” (Bailly, 2015b, p. 172). Para o escritor, portanto, a comunidade que cada “nostração” designa não pode ser concebida “como um círculo de circunferência estanque, mas como o momento de uma formação sempre em curso”, como “ondas que se propagam na água, ampliando-se e apagando-se,

⁵ Glissant define o segundo como um “pensamento sistêmico”, enquanto o primeiro seria “mais intuitivo, mais frágil, ameaçado, mas sintonizado com o mundo caótico e seus imprevistos” (Glissant, 1996, p. 43).

e indo ao encontro de outras ondas com as quais interferem, cada círculo podendo desde então ser considerado como a emissão de um *nós* real e sem duração, de um *nós* que não se instala e não se fecha sobre si mesmo” (Bailly, 2015b, p. 172-173).

Se, historicamente, como lembra Bailly, o próprio das comunidades de religião e das comunidades nacionais que marcam a história moderna da Europa se esteia na luta contínua entre “um *nós* inclusivo e aberto” e “um *nós* exclusivo e fechado” (Bailly, 2015b, p. 180), a modernidade propriamente dita se configura justamente como o “tempo da saída”, o tempo da maioria do homem (se quisermos nos lembrar de Kant), o tempo do “salto que *eu* pode fazer a todo momento para fora do *nós* que o contém ou o conteve” (Bailly, 2015b, p. 183). A relação com a comunidade se configura desde então como a própria possibilidade de saltar para fora dela – de partir (pensemos, por exemplo, neste poeta por excelência da “partida” [*départ*] que é Rimbaud, aqui na tradução de Ivo Barroso: “Farto de ver. [...] / Farto de ter. [...] / Farto de conhecer [...] / Partir para afetos e rumores novos!”).⁶ E, na sequência de sua reflexão, Bailly evoca a passagem de *Rua de mão única* em que Walter Benjamin se refere ao “mais europeu de todos os bens”, aquele que, em 1923, com o fascismo em ascensão, “estaria inteiramente perdido para os alemães”: a “ironia mais ou menos clara com que a vida do indivíduo pretend[ia] transcorrer em disparidade com a existência de toda e qualquer comunidade em que ele [estivesse] encravado” (Bailly, 2015b, p.183; Benjamin, 1994, p. 23).

O que Bailly sublinha a partir dessa reflexão de Benjamin é o distanciamento irônico que uma vida pode tomar em relação “à força orgânica inconsciente das comunidades de existência, quaisquer que elas sejam” (Bailly, 2015b, p. 184). Não por acaso, Bailly se volta em seguida para o modo como o plano de realização do fascismo se vincula à associação do *eu* a “um *nós* absoluto” que só encontraria fora de si “figuras inimigas”, impondo-se, assim, desde uma “cena pronominal totalitária” (Bailly, 2015b, p. 185), a qual dá poucas chances à eclosão dessa (auto)ironia libertária reivindicada por Benjamin em relação a todo pertencimento comunitário, em relação à violência que tal pertencimento necessariamente exerce, ao impor-se a um *eu* como exclusivo.

Como exemplo de uma espécie de conquista desse distanciamento irônico em relação a essas “cenas pronominais totalitárias” que perseveraram no Brasil desde o início de sua história colonial, evocarei um poema de Edimilson Pereira de Almeida. Trata-se de “Ofício”, em que a busca da origem através da escrita se transforma de alguma forma em possibilidade de esquecimento. De um esquecimento paradoxal, pois se trata de esquecer o que, para cada

⁶ No original: “*Assez vu [...] / Assez eu [...] / Assez connu [...] / Départ dans l'affection et le bruit neufs.*” (Rimbaud, 2007, p. 224-225).

um, nunca terá sido efetivamente um saber. De um esquecimento ativo, em todo caso, que é, antes de mais nada, um despertar. Aqui o esquecimento da submissão à violência histórica que regula as relações de pertencimento familiar e social nas províncias e cidades de Minas Gerais, onde o escritor nasceu e vive:

Tatear a origem
é iludir-se.

O escrito, à mercê
do que foi dito,
inaugura outro país.

O que se dá nos mapas
em forma
de província, urbe
& melhorias

não é senão um caco
de palavra.

A origem ressona
grave,
sem nação ou pacto.
Há quem a leve

no bolso, em crimes
que nos deserdam.

Outros a curtem sob a
forma de bois de aluguel.
Ou a costuram em óleos
santos.

Mas há os ferinos e seu
humour
que tira o minério
das conchas.

Por eles a origem despista
rendas, misérias
e outros benefícios.

Pela origem
somos-não-somos.
Espécie que escreve
para esquecer. (Pereira, 2017, p. 29-30).

A escrita traduziria, assim, a possibilidade de “inaugurar outro país” – que não é “o que se dá nos mapas”. Em contraste com estes “cacos de palavra” que, em troca do reconhecimento identitário, se apropriam dessa “origem” “sem nação ou pacto” que “ressona” em cada um (e aqui ouço tanto o sentido de “ressoar” quanto o de “dormitar”...), mas que, ao deixar-se apropriar, nos condena a cumprir, voluntariamente ou a despeito de nós mesmos, pouco importa, um certo destino, a desempenhar um certo papel mais ou menos fixo nas “cenas pronominais” das inserções comunitárias mais ou menos violentas herdadas de nosso ainda presente passado colonial. E que – eis o que me parece mais importante – pode chegar ao ponto de nos “deserdar” dessa mesma origem em sua “indeterminação” original, para recordar a expressão de Bailly. Escrever talvez nos permitisse, assim, “esquecer” e nos tornar de fato, assumindo-o em toda a sua ambivalência, em toda a sua virtualidade reparadora, aquilo que “somos-não-somos”. E, ainda, ao “mudar” as “tarefas da língua” – para já evocar outro poema de Pereira, “Resíduo”, a que me referirei a seguir –, escrever talvez também nos levasse a nos abrir como, ou com, Exu, novas “encruzadas” – e a nos dispor, desse modo, a outras “nostrações”... Sem, no entanto, nunca podermos ter a certeza de escapar completamente à participação no “teatro de sombras” a que “os rastros tirânicos” que assombram a nossa, ou as nossas línguas, sempre nos condenarão. Eis a última parte deste que é o último poema do livro de Pereira em questão, cujo título, aliás, *quasi*, em latim, nos remete ao “como se” da poética do “*como-um*” a que me referi no início com Michel Deguy:

Que mudam as tarefas
da língua,
não há dúvida.

A dúvida é se o rastro
do que ela
afirma

não é outra língua,
uma tirana da outra.

Se for dessa monta,
o que somos na língua

é um teatro de sombras. (Pereira, 2017, p. 142).

*

Aqui eu gostaria de lembrar algumas reflexões recentes da ensaísta Marielle Macé que me parecem especialmente produtivas nesse contexto. Em *Siderar, considerar: migrantes, formas de vida*, de 2017, o primeiro de uma série de três pequenos livros de intervenção em que entrelaça o político e o poético, Macé parte da “indiferença recíproca” (Macé, 2018, p. 16) que tendia a se estabelecer entre os refugiados que ocuparam por alguns meses, em 2015, os arredores da Estação de Austerlitz, em Paris, e os transeuntes de seu entorno, muitos deles frequentadores da Cidade da Moda e do Design, do banco Natixis e da Biblioteca Nacional da França, que lhe eram vizinhos. Refere-se, então, às bordas e fronteiras que se multiplicam em pleno centro da cidade de Paris, aos grupos humanos flutuantes, às comunidades em contato, a tudo isso que, ao mesmo tempo que permite reavivar a história da violência de massa que marca o século XX – ela evoca a função da estação como armazém geral nazista durante a ocupação de Paris na Segunda Guerra Mundial (Macé, 2018, p. 17-22) –, expõe a dificuldade de efetivamente nos pormos ao lado daqueles com quem dividimos – partilhamos – o mundo de maneira cada vez mais inexorável.

Macé aponta a impossibilidade de passarmos do estado de “sideração” hipnótica em que nos mantemos diante da precariedade daquelas vidas que supomos impossíveis de serem efetivamente vividas à perspectiva da “consideração” da dessemelhança (Macé, 2018, p. 27-32) e da separação como possibilidade de proximidade, de abertura, a partir da qual, justamente, um “*ele*” poderia vir a tornar-se um “*você*” a que um “*eu*” poderia finalmente se endereçar: como potência, portanto, de uma copresença, de uma relação ou de uma “nostração”, para voltarmos à noção de Bailly. Pois endereçar-se implica modular a própria voz para dar voz a outrem e, assim, “encontrar uma língua”, para evocar novamente Rimbaud, aqui em sua exigência de “dar forma” – ou “informe” – ao desconhecido (Rimbaud, 2006, p. 156).

No segundo livro da série, *Nossas cabanas: lugares de luta, ideias para uma vida em comum*, de 2019, Macé trabalha mais explicitamente com a

perspectiva do endereçamento a partir do que ela figura como um “*nouage*”, substantivo formado a partir do verbo “*nouer*”, “amarrar”, “enlaçar” – ou “enodar”, como acabou traduzido na edição brasileira –, em cujo radical se ouve em francês o pronome pessoal “*nous*” e o substantivo “*noüe*”, N O U E, “alagado”, “brejo”, “remanso”, elemento da paisagem, espaço do real que, entre outras coisas, aponta para a dimensão provisória e contingente do lugar em que um encontro – um endereçamento – pode se produzir. Segue uma passagem que expõe a constituição de comunidade – e sua provisoriedade – a partir dessa perspectiva pronominal, a partir da possibilidade da enunciação de um “*nós*”:

Ouve-se aqui que na palavra “*nós*” [*nous*] alguma coisa (mas o que exatamente?) se enoda [*se noue*], deve se enodar e poderá, portanto, também, se desnodar; achamos que “*nós*” é uma questão de laços, apegos, emaranhamentos, e arrancamentos, e desemaranhamentos, e desnodamentos – mais do que de pertencimento ou identificação. (Macé, 2023a, p.24-25).

E Macé prossegue evocando Émile Benveniste (também evocado por Bailly em sua reflexão sobre a “cena pronominal”) para afirmar que “‘*nós*’ não é o plural de ‘eu’, [mas] o resultado de um ‘eu’ que se abriu (que se abriu para aquilo que ele não é), que se dilatou, se colocou fora, se ampliou” (Macé, 2023, p. 25). Mas a autora alerta também para os riscos dessas demandas de enodamento, que não pode nem deve ser absoluto. Pois tais demandas, em sua reiteração, têm também inevitavelmente seu componente de violência. Diz Macé:

[P]ressente-se também, [nesses enodamentos], que alguma coisa pode muito rapidamente começar a gaguejar, a travar-se no proferimento do “*nós*” – num abuso do “*nós*”, numa pressa em se reaquecer nele, em ficar à vontade nele, em se contabilizar nele e estar em suas fileiras, um “*nós*” bem enodado [*noué*] que se fecha novamente sobre nós como um cercado, e que conhecemos muito bem hoje em dia. (Macé, 2023a, p. 26).

Apresento agora um poema de Ana Martins Marques, também mineira, cujo título, “Volapuque”, é o nome de uma língua forjada no século XIX por um padre católico alemão que aspirava a propor uma língua universal (parece que “língua universal” é o significado da palavra “volapuque” em volapuque, precisamente...), tudo isso antes do esperanto, que, de algum modo, o teria suplantado. Na primeira parte do poema, aquela que diz “eu” especula sobre o que teria feito “se tivesse sido chamada a inventar uma língua” sobre a impossibilidade radical em que se veria de controlar o futuro de tal língua, o qual seria sempre imprevisível, como o de qualquer língua, assim que “duas pessoas, [numa “esquina”], [se encontrassem]” nessa língua. Após

essas primeiras especulações, ela se endereça a um interlocutor não figurado no poema, portanto qualquer um, “enodando-se” a ele, para dizer como Macé, e encenando assim um “nós” que, apesar de todas as “considerações” recíprocas, não se constitui inteiramente “como um”, mas “como dois”, ou “como duas línguas estrangeiras”, como diz a poeta:

Somos como duas línguas estrangeiras
em contato
com suas histórias de violência e recuo
hostilidade e hospitalidade
ressoando uma os sons da outra
movendo-se como placas tectônicas
com suas camadas de sedimento antigo
e pequenos seixos, rolantes, desprendendo-se no caminho
duas línguas estrangeiras
em contato
como periferias de grandes cidades
com seus comércios e casamentos
disputas e empréstimos
deixando uma na outra rastros
como os do sol sobre os corpos
ou resíduos
como borra de café nos copos
duas línguas estrangeiras
mudando juntas de jeitos diferentes
mantendo porém pequenos enclaves
intraduzíveis
como pequenas ilhas
duas línguas nas quais duas pessoas
são capazes de entender uma à outra
surpresas e alegres por entenderem uma à outra
sem nem perceber que não se entendem tanto assim. (Marques, 2021, p. 73-74).

Para finalizar estas breves considerações em torno da obra de Marielle Macé, eu gostaria apenas de destacar uma dimensão fundamental de sua reflexão atual, no terceiro livro da referida série, *Respire* [*Respire*], que, é claro, centra-se na respiração, na partilha do ar que a respiração sempre e incondicionalmente implica e que ignora, para o bem ou para o mal, qualquer fronteira linguística, comunicativa ou comunitária. Macé sublinha a forma

como estamos cada vez mais expostos a “estados apodrecidos de palavra [*parole*]” (Macé, 2023b, p. 103) e a necessidade resultante de “pensar a própria fala [*parole*] como um meio partilhado e vulnerável, uma zona a defender”, como uma “exalação que pode tornar o ar respirável” (Macé 2023b, p. 106). “Mas”, afirma ela ao final de seu ensaio, “essa fala de respiração exige, do outro lado da linha, a saúde de uma escuta” (Macé 2023b, p. 109). Nesse sentido, evocarei um poema de Marcos Siscar, “Proximidade”, onde estão em questão a “proximidade”, o “desejo” e o “tempo” da proximidade, e da “palavra” ou da “escuta” de que ela ou não é capaz:

por mais que esteja ao lado
não está aqui

jamais nos deu o consolo
de sua escuta

muito chamamos mas não há
desejo que lhe baste

nada mais em torno a não ser
o eco de sua palavra

proximidade quem poderia
dizer seu nome?

quem entre mortos ousaria
medir seu tempo?

só a brecha de um poema
ainda pulsa. (Siscar, 2021).

Pelas “brechas pulsantes” da poesia, aqui com Ricardo Aleixo, Edimilson de Almeida Pereira, Ana Martins Marques e Marcos Siscar, línguas errantes, ampliadas, respirantes, enfim, e que, no seu modo próprio de buscar uma, ou a sua comunidade, de, traduzindo-a, endereçar-se a ela, talvez pudessem dizer, deixar dizer, e fazer escutar, em “eco”, tantos nomes de uma proximidade, daquilo que poderia constituir uma “dimensão relacional”, a despeito da distância e da violência que esses nomes, e tudo o que eles performam, jamais podem não implicar... Entre esses nomes, portanto, com Édouard Glissant,

Jean-Christophe Bailly e Marielle Macé, guardarei estes: relação; nostração; consideração...

*

Quero concluir com um pequeno exemplo da potência (ou impotência, segundo o ponto de vista e o momento) de “consideração” recíproca, e ao mesmo tempo de “enodamento” e “desnodamento”, entre dois poetas e suas respectivas traduções – aqui em seu sentido mais estrito –, da potência, ou da impotência, de uma relação que pode se estabelecer em contraposição à cristalização do sentido dos poemas na clausura da língua de cada um deles e da língua de suas traduções, através da capacidade dos originais e das traduções de, em meio à violência da separação, justamente, fazerem-se endereçar, transladar, uns rumo aos outros, os poemas rumo às suas traduções, as traduções rumos aos poemas de que se “originam”, dando, por um breve momento, a dois poetas distantes no tempo e no espaço, no brilho da “dupla luz das línguas reunidas”, como dizia Antoine Berman (2007, p. 77), um lugar de comunidade de pensamento e de língua.

Antes, porém, um último empréstimo de Jean-Christophe Bailly. Na reflexão que faz sobre o substantivo “legenda” [*légende*], que ganha um verbete em seu livro *O Próprio da linguagem. Viagens ao país dos nomes comuns* [*Le Propre du langage. Voyages au pays de noms comuns*], o escritor o toma em sua dupla acepção de designação, de um lado, e de fabulação, divagação, de outro, e especula, então, sobre o processo de legendar como uma experiência intensa, em que “se manifestam ao mesmo tempo e simultaneamente a prisão domiciliar mais estrita e a partida [*le départ*] mais violenta” (Bailly, 1997, p. 108).

Não é preciso muito esforço para pensar desde esse verbete a tradução como trabalho de legendagem e de dispersão da legenda – legendar um certo original não é como dispersá-lo de si mesmo, dando-lhe outra língua e tornando-o, nessa espécie de replicação ressonante, “legendário”? Inspiro-me aqui no próprio Bailly, que deu o título de *A legenda dispersa* [*La légende dispersée*] à antologia dos românticos alemães que organizou e traduziu em 1976. Walter Benjamin, por sua vez, falava do tempo da tradução como o tempo da “fama” do original em sua “sobrevida”, em sua “pervivência” (Benjamin, 2011, p. 104-105). Eis outro trecho do verbete legenda, de Bailly:

Em cada nome a verdade é dada e perdida, oscilante, e é nessa oscilação entre fixação e partida, entre jurisdição e ficção que a linguagem desdobra sua verdade. Entre a legenda legendando as coisas e a legenda que as torna legendárias, há apenas um batimento. De uma a outra, a linguagem não é uma hesitação, mas um percurso: série de toques ou de ricochetes respingando

de verdade e de legenda. [...] Cada palavra se desloca ao longo do cursor que vai da fixidez à ressonância, e frasear não é outra coisa que não a arte de fazer esses deslocamentos atuarem enviando-os ao inesperado. [...] Frasear justo é manter a vibração, e fazer saber onde estamos em relação à palavra que avançamos. É não fixá-la, não pregá-la, é fazer saber como é que com ela de novo legendamos (Bailly, 1997, p. 108-109).

Traduzir é, nesse sentido, assim como escrever, procurar a legenda a partir de outra legenda, a frase a partir de outra frase... “Manter a vibração”, a relação “justa”, sempre por vir, entre as palavras e as frases que vêm, que não se fixam, que se relegendam... Traduzir, como escrever, é “procurar uma frase”, para vislumbrar a “silhueta” que o sentido adota ao dispersar-se “como um círculo de fumaça” [*un rond de fumée*], para evocar aqui também Pierre Alferi (2006, p. V), que nos deixou precocemente em 2023 e que certamente alude, por sua vez, nessa frase que cito, a “toda a alma num resumo” dos versos mallarmeanos, àquela alma do poeta ou da própria literatura que “lentamente expira” “em cada espira de fumo [*rond de fumée*] / abolida à nova espira”, na tradução de Augusto de Campos... Alma que se dispersa e se “rasura”, enfim, na imprecisão da “vaga literatura”,⁷ como queria Mallarmé, e certamente, e ainda mais, talvez, na poderosa violência, para o melhor ou para o pior, da tradução.

Para concluir com o breve exemplo de uma comunidade poética constituída a partir de uma relação tradutória e do encontro mais ou menos violento – mas também considerante, se me permitem o neologismo – que essa relação pode implicar entre duas línguas, e entre dois poetas que, cada um a seu modo, violentam suas respectivas línguas, evocarei rapidamente duas traduções.

Primeiramente uma tradução que fiz recentemente para o francês, com o luxuoso auxílio de Tiphaine Garnier, de um dos poemas ditos agônicos do poeta brasileiro Augusto dos Anjos, um poema originalmente publicado em 1912 que encena a violência do trato com a linguagem, a luta da ideia – “A ideia” é o título do poema – em seu périplo algo patético e fracassado de extirpar-se do “encéfalo absconso que a constringe” para tomar corpo, para encarnar nos órgãos do corpo vivo antes de, “quase morta”, “esbarrar” – traduzir-se – “no molambo da língua paralítica”... Língua paralítica, como é, para o poeta, qualquer língua... O poema é quase uma espécie de trava-língua que performa esse embate, essa dificuldade, em sua própria dicção (Quadro 1):

⁷ Eis a primeira e a última estrofe do poema de Mallarmé: “*Toute l’âme résumée / Quand lente nous l’expirons / Dans plusieurs ronds de fumée / Abolis en autres ronds*”; “*Le sens trop précis nature / Ta vague littérature.*” (Mallarmé, 1991, p. 70)

Quadro 1. Tradução para o francês do poema “A ideia”

A IDEIA	L'IDÉE
De onde ela vem?! De que matéria bruta Vem essa luz que sobre as nebulosas Cai de incógnitas criptas misteriosas Como as estalactites numa gruta?!	<i>D'où vient-elle?! De quel type de matière brute Tombe cette lumière sur les nébuleuses, Des cryptes inconnues et mystérieuses Comme les stalactites dans une grotte?!</i>
Vem da psicogenética e alta luta Do feixe de moléculas nervosas, Que, em desintegrações maravilhosas, Delibera, e depois, quer e executa!	<i>Elle vient de la psychogénétique et haute lutte Du faisceau de ces molécules nerveuses, Qui, dans une désintégration merveilleuse, Délibèrent, puis veulent et exécutent!</i>
Vem do encéfalo absconso que a constribe, Chega em seguida às cordas do laringe, Tísica, tênue, mínima, raquítica...	<i>S'extirpant du cerveau abscons qui la coince, Elle arrive ensuite aux cordes du larynx, Phthisique, rabougrie, rétrécie, rachitique...</i>
Quebra a força centrípeta que a amarra, Mas, de repente, e quase morta, esbarra No molambo da língua parálitica!	<i>Elle brise la force centripète qui l'arrête, Mais soudain, et presque morte, elle se heurte Aux molambos de la langue paralytique!</i>
	(Anjos, 2020, p.137-138).

Limito-me a comentar uma palavra do último verso da tradução. Pronunciada oxitonamente como faria um francófono, “*molambos*”, que não existe em francês, faz ouvir duas palavras, “*mots*” e “*lambeaux*”, “palavras” e “farrapos”, e essa escolha vem de fato da tradução que eu mesmo havia feito em 2014, em sentido contrário, do francês para o português, de um texto de... Christian Prigent.

O texto do poeta francês, intitulado “*L'écriture ça crispe le mou*” – “*A escrita encrespa os bofes*”, na tradução que propus⁸ –, apareceu primeiramente em 1988 no número 22 da revista *TXT*, organizada e animada por Prigent entre 1969 e 1993, e reaparecida em 2018. Cito as três primeiras frases; na segunda delas aparece o “*lambeau*”, que traduzi por “molambo”, justamente (Quadro 2):

Quadro 2. Três primeiras frases de um texto de Prigent.

Autre matin mais pas l'endemain même jour peu après: on a beau vouloir faire doux l'écriture ça crispe le mou. Ces mots de vanité bavèrent de ma bouche c'était un lambeau amer de la nuit je chus debout du lit l'air méchant. Sitôt l'écho émit d'une voix d'épousée: qu'esta à fuliginer comme ça?	Outra manhã mas não de amanhã mesmo dia pouco após: a gente quer sempre tudo mole mas a escrita encrespa os bofes. Esses verbos de vaidade bavaram-me da boca era um molambo amargo da noite tombei de pé do leito o ar de mau. Logo o eco emite com voz de esposada: quicquetém pra fuliginar assim?
	(Prigent, 1993, p. 141).

⁸ Que apresento e comento no artigo “Língua contra (a) língua: traduzindo Christian Prigent” (Moraes, 2017, p. 51-62).

Trata-se do relato de um despertar, quando, à saída do leito, “palavras”, como restos noturnos, “bavam da boca” do narrador antes que a realidade comece a assediá-lo por meio de uma “voz de esposada” que solicita sua presença. É, pois, uma espécie de monólogo interior onde está em jogo a dificuldade de “entrar nas frases”, de entrar, portanto, na língua. Como de certo modo no poema de Augusto. Reproduzo aqui o comentário que então fiz sobre a tradução de “*lambeau*” por “molambo”:

A escolha de “molambo” para “*lambeau*” levanta um outro aspecto interessante da tradução entre o francês e o português, duas línguas neolatinas mas que, ao longo de sua história, foram contaminadas por outras línguas mais ou menos distantes: se a palavra “*lambeau*” vem do frâncico, língua germânica, “molambo”, que até parece, por um feliz acaso, derivar dela, vem do quimbundo, língua da família banta; mas o mais surpreendente é que as duas palavras remetem a um sentido comum, o de “trapos”, “farrapos”, além de funcionarem muito bem ao nível das aliterações em “m” e em “b”. Interessante ainda é que poderíamos pensar que “molambo” equivale, para uma orelha francófona, a “*mot(s)-lambeau(x)*”, em francês, já que um francês tenderia a pronunciar “molambô” com acento circunflexo. Aqui, inspirei-me na verdade numa frase do próprio Prigent, que escreve em *La langue et ses monstres* (Prigent, 2014, p. 167): “Uma língua se funda na devastação das línguas e tira sua substância de seus cadáveres desmembrados cujos farrapos (“*lambeaux*”) ela rearticula de outra maneira”. (Moraes, 2017, p. 58).

A tradução do poema de 1912 de Augusto dos Anjos veio a ser publicada em 2020 no número 34 da revista *TXT*, relançada depois de 25 anos, também com presença ativa de Prigent. Sem esse jogo, que, feliz ou infelizmente, só me veio à mente para fazer esta apresentação, visando a dar um pequeníssimo exemplo de como a poesia e a tradução, em seu encontro mais ou menos transitório e aleatório no tempo e no espaço, em sua consideração recíproca, podem constituir comunidades mais ou menos provisórias e pôr autores, leitores e línguas em relação. Ainda que numa relação instável e conflituosa, que nunca se estabiliza plenamente. Um lugar em que é possível fazer e desfazer laços, nós, em que podemos, sempre provisoriamente, nos desarraigar de nossos nós comunitários e dos nós de nossa língua, e dizer nós desde um outro lugar, com um outro, aquele cuja legenda, ao traduzi-lo, criamos e dispersamos.

Mas para manter no horizonte a virtual potência mais ou menos impotente desse encontro (ou o contrário: sua impotência mais ou menos potente...), para manter essa (im)potência, e o seu caráter de jogo, fundamental, em toda relação, para que ela possa perseverar em sua infixidez, creio que não podemos nos esquecer daquela célebre pergunta, que em certo contexto pode soar um pouco arrogante, de Walter Benjamin no início de sua “Tarefa

do tradutor”: “Será [a tradução] dirigida a leitores que não compreendem o original?” (Benjamin, 2011, p. 102). Que eu reformularia nos seguintes termos: de que vale uma tradução, no seu modo próprio de conhecer, ler, escrever e dispersar um texto, para aqueles que não conhecem a língua do original? Pois, para Benjamin, a tradução, mais do que uma prática que visaria a oferecer a um leitor que não conhece a língua do original o acesso ao seu texto, é um modo próprio de conhecer o original para quem vive em mais de uma língua, e de fazê-lo assim “crescer” – outra palavra benjaminiana (cf. Benjamin, 2011, p. 110) – em sua dispersão legendária.

Concluo de vez aludindo ao debate sobre a questão que talvez seja a mais candente de nosso tempo em relação à tradução: parece-me que a maior violência produzida pelo desenvolvimento das tecnologias da tradução não está na qualidade de seus resultados, em certo sentido cada vez mais eficazes, mas no risco do desaparecimento progressivo dos que sabem mais de uma língua num mundo que nos expõe a todos, cada vez mais, ao contato e ao conflito, e à necessidade da tradução. Desses que podem justamente ser sensíveis à falsa transparência das máquinas e plataformas tradutoras – e de toda e qualquer tradução. À falsa transparência de toda e qualquer língua mesmo no interior de sua própria “mata” (cf. Benjamin, 2011, p. 112), línguas molambas, molambentas, como todas são. O risco do desaparecimento dos que, sabendo mais de uma língua, são, como diz Barbara Cassin,⁹ os únicos a saber que falam uma língua, e que deveriam ser em número cada vez maior, de modo a nos ajudar a guardar a opacidade dessas fronteiras mais ou menos reais que são as línguas, e, justamente, a nos movermos, sem temer o conflito e o dissenso, entre seus limiares, mantendo viva a dimensão utópica de “uma verdadeira política da relação e da redistribuição de vozes”.¹⁰

⁹ “É preciso compreender mais de uma língua para saber que se fala uma.” (Cassin, 2008)

¹⁰ Referência ao texto de apresentação do Colóquio Internacional “Literatura e Relação”, referido na Nota 1.

Referências

- ALEIXO, Ricardo. *Diário da encruza*. Salvador: Organismo Editora, 2022.
- ALFERI, Pierre. *Chercher une phrase*. Paris: Christian Bourgois, 2006.
- ANJOS, Augusto dos. Moi. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes, com a colaboração de Typhaine Garnier. *TXT*, Caen, v. 34, p. 135-141, 2020.
- APTER, Emily. *The translation zone: a new comparative literature*. New Jersey: Princeton University Press, 2006.
- BAILLY, Jean-Christophe. *Le Propre du langage. Voyages au pays des noms communs*. Paris: Seuil, 1997.
- BAILLY, Jean-Christophe. La scène pronominal. In: BAILLY, Jean-Cristophe. *L'élargissement du poème*. Paris: Christian Bourgois, 2015a. p. 149-167.
- BAILLY, Jean-Christophe. Nous ne nous entoure pas. In: BAILLY, Jean-Cristophe. *L'élargissement du poème*. Paris: Christian Bourgois, 2015b. p. 169-187.
- BENJAMIN, Walter. Rua de mão única. *Obras escolhidas II*. 4. edição. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. Editora Brasiliense: São Paulo, 1994.
- BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. *Escritos sobre mito e linguagem*. Organização, apresentação e notas Jeanne Marie Gagnebin. Tradução: Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2011.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. *O anjo da história*. Tradução: João Barrento. Belo Horizonte, Autêntica, 2012.
- BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução: Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.
- CASSIN, Barbara *et al.* Appel à plus d'une langue. *Libération*, 19 nov. 2008. Disponível em: https://www.liberation.fr/culture/2008/11/19/appel-a-plus-d-une-langue_257960/ Acesso em: 6 jun. 2024.
- CIXOUS, Hélène. La langue est le seul refuge. Entretien avec Bernard Leclair. *La Quinzaine Littéraire*, Paris, v. 793, p. 1-15, 2000.
- DEGUY, Michel. *Aux heures d'affluence*. Paris: Seuil, 1993.
- DEGUY, Michel. Traduction/Adaptation. In: BRODA, Martine (org.). *La traduction-poésie. À Antoine Berman*. Strasbourg: Presses Universitaires de Strasbourg, 1999.
- GLISSANT, Édouard. *Introduction à une poétique du divers*. Paris: Gallimard, 1996.

- MACÉ, Marielle. *Siderar, considerar. Migrantes: formas de vida*. Tradução: Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.
- MACÉ, Marielle. *Nossas cabanas: lugares de luta, ideias para uma vida em comum*. Tradução: Isadora Bonfim Nuto. Rio de Janeiro: Ed. Bazar do Tempo, 2023a.
- MACÉ, Marielle. *Respire*. Paris: Verdier, 2023b.
- MALLARMÉ, Stéphane. *Mallarmé*. Ed. bilíngue. Tradução: Augusto de Campos, Decio Pignatari e Haroldo de Campos. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- MARQUES, Ana Martins. *Risque esta palavra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- MORAES, Marcelo Jacques de. *Christian Prigent*. Coleção “Ciranda da poesia”. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2015.
- MORAES, Marcelo Jacques de. Língua contra (a) língua: traduzindo Christian Prigent. In: MORAES, Marcelo Jacques de. *Língua contra língua*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017. p. 51-62.
- NANCY, Jean-Luc. *Identité. Fragments, franchises*. Paris: Galilée, 2010.
- PEREIRA, Edmilson de Almeida. *quasi*: segundo caderno. São Paulo: Editora 34, 2017.
- PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Entre Orfe(x)u e Exunouveau*: análise de uma estética de base afrodiaspórica na literatura brasileira. São Paulo: Fósforo, 2022.
- PRIGENT, Christian. *Commencement*. Paris: POL, 1989.
- PRIGENT, Christian. L'Écriture, ça crispe le mou. In: PRIGENT, Christian. *TXT: 1969-1993*. Paris: Christian Bourgois, 1993. p. 141-143
- PRIGENT, Christian. *La cuisine du macaroni*. Paris: POL, 2011. Disponível em: <https://www.pol-editeur.com/ouverturepdf.php?file=006-la-cuisine-du-macaroni.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2024.
- PRIGENT, Christian. *La Langue et ses monstres*. Paris: POL, 2014.
- RIMBAUD, Arthur. Carta a Paul Demeny. Ed. bilíngue. Tradução: Marcelo Jacques de Moraes. *Alea: Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 8/1, p. 157-163, 2006.
- RIMBAUD, Arthur. *Prosa poética*. ed. bilíngue. Tradução: Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.
- SISCAR, Marcos. Três poemas de Marcos Siscar. *Ruído manifesto*, 2021. Disponível em: <https://ruidomanifesto.org/tres-poemas-de-marcos-siscar/> Acesso em: 6 jun. 2024.

Marcelo Jacques de Moraes. Professor titular de literatura francesa da Faculdade de Letras da UFRJ, pesquisador do CNPq e Cientista do Nosso Estado (Faperj). É autor das coletâneas de ensaios *A incerteza das formas*, *O fracasso do poema*, *Língua contra língua* (7 Letras, 2017) e *Experiência, linguagem, comunidade. Ensaios sobre a poesia e o teatro contemporâneos de língua francesa* (com Rodrigo Ielpo, 7 Letras, 2024). Traduziu diversos escritores e ensaístas franceses, entre os quais, mais recentemente, Georges Bataille, Liliane Giraudon, Marielle Macé e Jean-Christophe Bailly.

E-mail: mjdemoraes@gmail.com

Declaração de Autoria

Marcelo Jacques de Moraes, declarado autor, confirma sua participação em todas as etapas de elaboração do trabalho:

1. Concepção, projeto, pesquisa bibliográfica, análise e interpretação dos dados; 2. Redação e revisão do manuscrito;
3. Aprovação da versão final do manuscrito para publicação; 4. Responsabilidade por todos os aspectos do trabalho e garantia pela exatidão e integridade de qualquer parte da obra.

Parecer Final dos Editores

Ana Maria Lisboa de Mello, Elena Cristina Palmero González, Rafael Gutierrez Giraldo e Rodrigo Labriola, aprovamos a versão final deste texto para sua publicação.

Recebido em: 20/06/2024

Aceito em: 16/10/2024